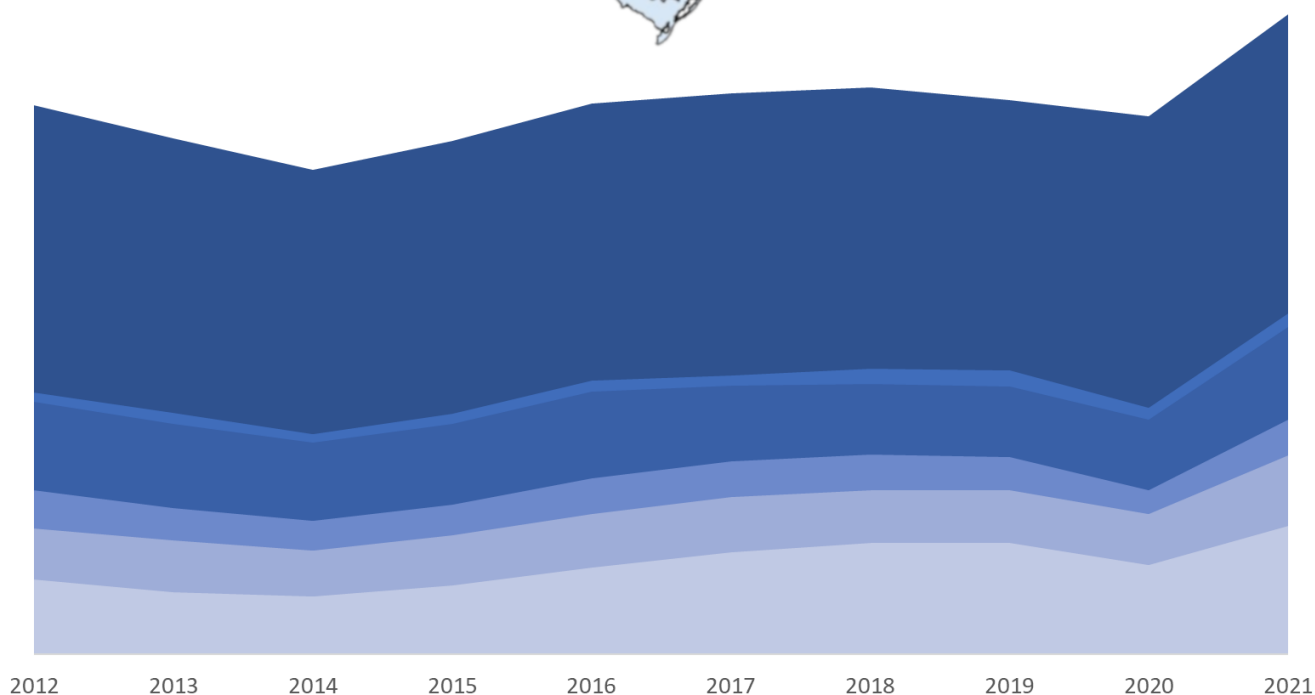
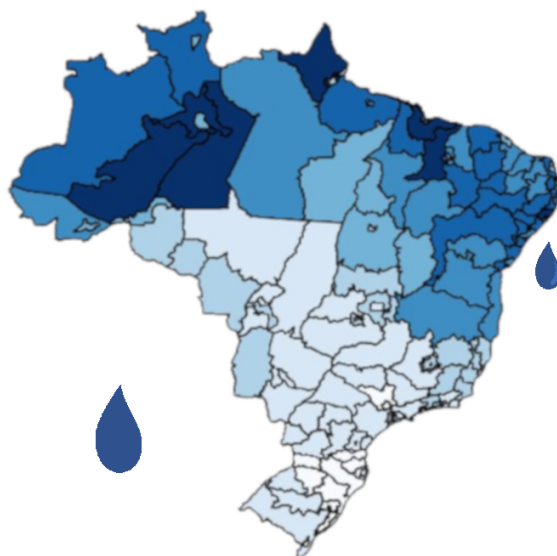


# Mapa da Nova Pobreza

Marcelo Neri



<https://cps.fgv.br/MapaNovaPobreza>

NERI, Marcelo C.

“Mapa da Nova Pobreza”, Marcelo Neri – 38 págs., Rio de Janeiro, RJ – junho/2022 - FGV Social. (inclui anexo com atlas de pobreza em separado)

<https://cps.fgv.br/MapaNovaPobreza> <https://cps.fgv.br/en/NewPovertyMap>

1. Pobreza. 2. Geografia 3. Políticas Públicas. 4 Robustez 5. Linhas de Pobreza

As manifestações expressas por integrantes dos quadros da Fundação Getulio Vargas, nas quais constem a sua identificação como tais, em artigos e entrevistas publicados nos meios de comunicação em geral, representam exclusivamente as opiniões dos seus autores e não, necessariamente, a posição institucional da FGV. Portaria FGV Nº19.

# Mapa da Nova Pobreza

## Sumário-Executivo

<https://cps.fgv.br/MapaNovaPobreza>

Marcelo Neri<sup>1</sup>

### Resumo

O contingente de pessoas com renda domiciliar per capita até 497 reais mensais atingiu 62,9 milhões de brasileiros em 2021, cerca de 29,6% da população total do país. Este número em 2021 corresponde 9,6 milhões a mais que 2019, quase um Portugal de novos pobres surgidos ao longo da pandemia. A pobreza nunca esteve tão alta no Brasil quanto em 2021, desde o começo da série histórica em 2012, perfazendo uma década perdida. O ano de 2021 é ponto de máxima pobreza dessas series anuais para uma variedade de coletas amostrais, conceitos de renda, indicadores e linhas de pobreza testados.

Além da medição da pobreza brasileira agregada e suas variantes, conferimos especial atenção a composição geográfica da pobreza para localizar os estoques e os novos fluxos de pobreza no território brasileiro. A Unidade da Federação com menor taxa de pobreza em 2021 foi Santa Catarina (10,16%) e aquela com a maior proporção de pobres foi o Maranhão com 57,90%. Lançamos mão de novas possibilidades de segmentar o país em 146 estratos espaciais: aquele com maior pobreza em 2021 é o Litoral e Baixada Maranhense com 72,59%, já a menor está no município de Florianópolis com 5,7%. Uma relação de 12,7 para um refletindo a conhecida desigualdade geográfica brasileira.

A mudança da pobreza de 2019 a 2021 por Unidade da Federação em pontos percentuais na pandemia, revela que o maior incremento se deu em Pernambuco (8,14 pontos percentuais (p.p.)), e as únicas quedas de pobreza no período foram observadas em Tocantins (0,95 p.p.) e Piauí (0,03 p.p.).

Disponibilizamos um leque de rankings geográficos e de mapas de sobrevoo interativos para cada um explorar as carências sociais na sua área geográfica de interesse. Tomemos a título de exemplo, perspectiva local sobre os 92 municípios fluminenses agrupados em oito estratos espaciais. As taxas de pobreza da capital (16,68%) comparada a das periferias, no plural, do Grande Rio como Arco Metropolitano de Niterói e São Gonçalo (20,96%), Arco Metropolitano de Duque de Caxias (30,48%), ou o Arco Metropolitano de Nova Iguaçu (33,24%). Ou ainda, diferenciando os nuances do interior, separando áreas ainda afluentes para quem visita, mas não tanto para quem mora, como regiões Serrana (20,18%), dos Lagos (22,6%) e do Vale do Paraíba e Costa Verde (25,33%) daquela observada no tradicionalmente pobre Norte Fluminense (26,12%) onde os efeitos, algo temporários, da economia do petróleo se fazem sentir. O convite está feito!

O objetivo desta pesquisa é avaliar o nível e a evolução espacial da pobreza durante os últimos anos no Brasil, usando os microdados da PNAD Continua Anual, recém disponibilizados pelo IBGE. Exploramos inicialmente cenário básico dos grandes números da pobreza nacional. O passo seguinte é a espacialização destes números em Unidades da Federação e estratos geográficos que constitui a principal contribuição do estudo. Na etapa final fornecemos visão de prazo mais longo conectando com resultados anteriores e mapeamos a influência das escolhas metodológicas usadas na medição e de uma miríade de linhas de pobreza nacionais e internacionais nos resultados encontrados. Os maiores nível e incremento da pobreza na pandemia são robustos. Eles pintam o mapa da pobreza brasileiro em tons mais fortes de tinta fresca.

---

<sup>1</sup> Diretor do FGV Social/CPS.

# New Poverty Map

<https://cps.fgv.br/en/NewPovertyMap>

Marcelo Neri<sup>2</sup>

## Abstract

The contingent of people with household per capita income lower than 497 reais per month became 62.9 million Brazilians in 2021, about 29.6% of the country's total population. This number in 2021 corresponds to 9.6 million more than 2019, almost a Portugal of new poor that emerged during the pandemic. Poverty has never been higher in Brazil than in 2021, since the beginning of the historical series in 2012, constituting a lost decade. The year of 2021 is the maximum poverty point of these annual series for a variety of sample collections, income concepts, indicators and poverty lines tested.

In addition to measuring aggregate Brazilian poverty and its variants, we pay special attention to the geographic composition of poverty to identify stocks and new flows of poverty in the Brazilian territory. The Federation Unit with the lowest poverty rate in 2021 was Santa Catarina (10.16%) and the one with the highest proportion of poor people was Maranhão with 57.90%. We propose new possibilities of segmenting the country into 146 spatial strata: the one with the greatest poverty in 2021 is the Coast and Baixada Maranhense with 72.59%, while the lowest is in the municipality of Florianópolis with 5.7%. A ratio of 12.7 to one, reflecting the well-known Brazilian geographic inequality.

The change in poverty from 2019 to 2021 by Federation Unit in percentage points during the pandemic reveals that the greatest increase took place in Pernambuco (8.14 percentage points (p.p.)), and the only declines in poverty in the period were observed in Tocantins (0.95 p.p.) and Piauí (0.03 p.p.).

We provide a range of geographic rankings and interactive overflight maps for everyone to explore social needs in their geographic area of interest. Let us take, for example, a local perspective on the 92 municipalities in the state of Rio de Janeiro, grouped into eight spatial strata. The poverty rates of the capital (16.68%) compared to the peripheries, in the plural, of Greater Rio as the Metropolitan Arch of Niterói and São Gonçalo (20.96%), the Metropolitan Arch of Duque de Caxias (30.48%), or the Metropolitan Arch of Nova Iguaçu (33.24%). Or even, differentiating the nuances of the state's interior, separating areas that are still affluent for those who visit, but not so much for those who live, such as Serra (20.18%), Lagos (22.6%) and of Vale do Paraíba and Costa Verde (25.33%) than that observed in the traditionally poor Norte Fluminense (26.12%) where the effects, somewhat temporary, of the oil economy are felt. The invitation to explore your is made!

The objective of this research is to assess the level and spatial evolution of poverty in recent years in Brazil, using microdata from the PNAD Continua Anual, recently made available by the IBGE. We initially explore the baseline scenario of most pressing national poverty figures. The next step is the spatialization of these numbers in Federation Units and geographic strata, which constitutes the main contribution of the study. In the final step, we provide a longer-term view connecting with previous results, and map the influence of the methodological choices used in the measurement and of a myriad of national and international poverty lines on the results found. The highest levels and increments of poverty in the pandemic are robust. They cover the map of Brazilian poverty in stronger shades of fresh paint.

---

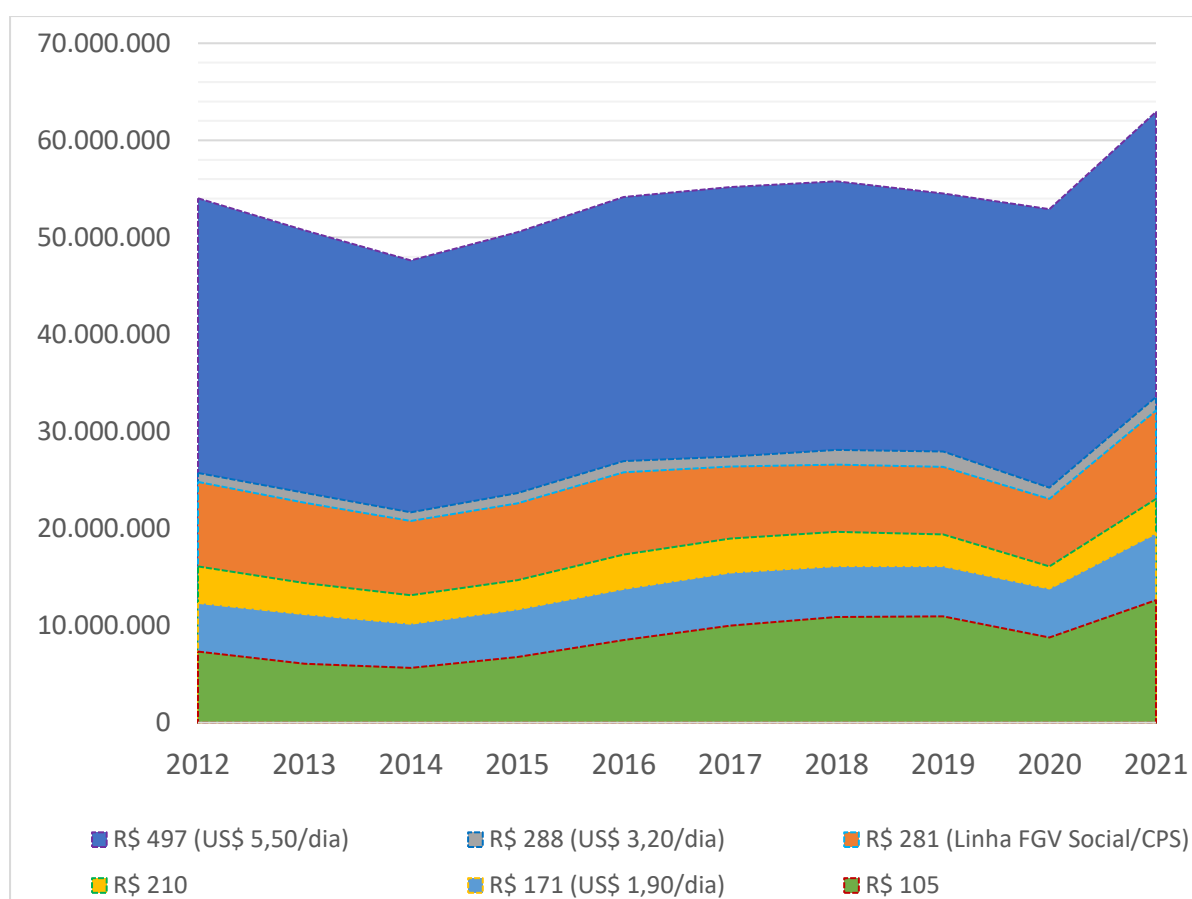
<sup>2</sup> Director do FGV Social/CPS.

## II - Número Recorde de Pobres -

O contingente de pobres brasileiros em 2021 é o maior da série histórica iniciada em 2012. O gráfico abaixo demonstra isto a olho nu para várias linhas de pobreza usadas no país, mas isto vale para um contínuo de valores, ou seja, para qualquer linha de pobreza. Há um teorema que mostra que neste contexto falamos de um recorde para um amplo conjunto de indicadores ( $P^2$ ,  $P^1$  ou  $P^0$ , por exemplo). Demonstramos na seção cinco deste trabalho que 2021 é ponto de máxima pobreza das series brasileiras anuais também para uma variedade de coletas amostrais e conceitos de renda.

Só para exemplificar com as linhas internacionais de pobreza usadas mundo afora. Em 2021, o número de pessoas com renda domiciliar per capita até 497 reais mensais para a linha de U\$ 5,50 dia ajustada por paridade do poder de compra (R\$ 497 mensais) atingiu 62,9 milhões de brasileiros; 33,5 milhões para a linha de U\$ 3,20 dia (R\$ 289 mensais) e 15,5 milhões para a linha de U\$ 1,90 dia (R\$ 172 mensais).

### População Pobre segundo Linhas de Pobreza\*

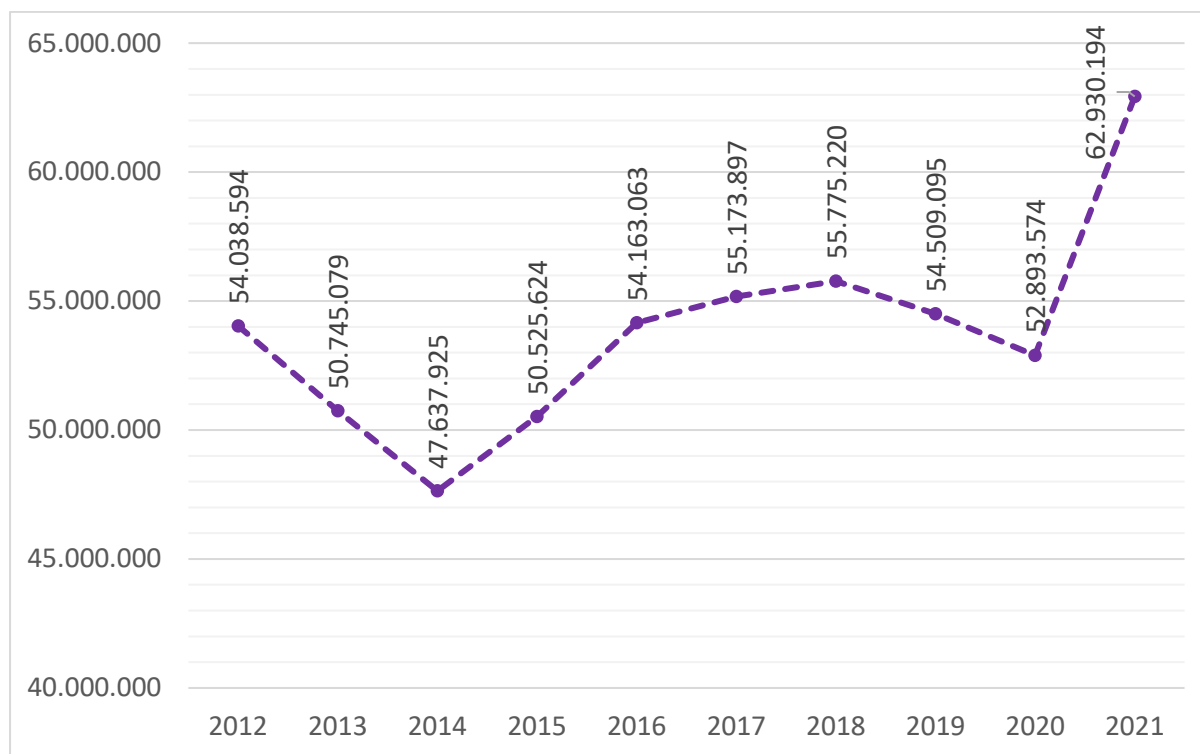


Fonte: FGV Social a partir dos microdados da PNADC-

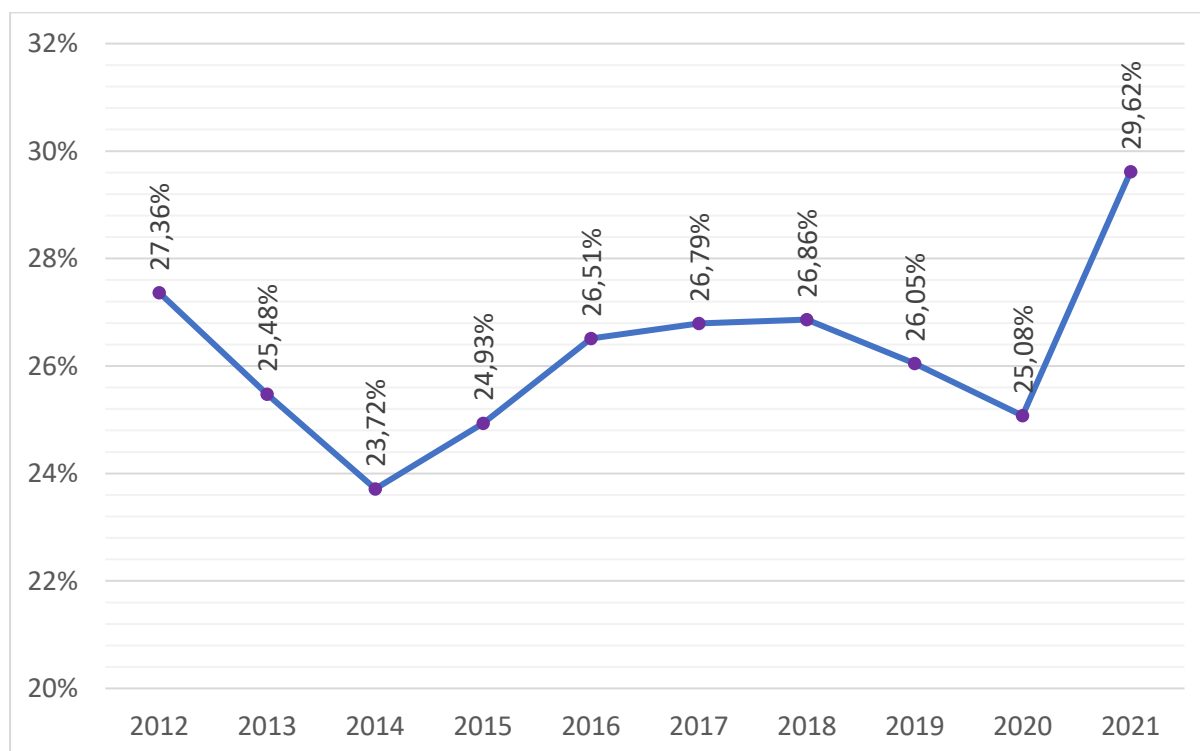
OBS: \* Linhas de pobreza expressas em termos mensais a preços do último trimestre de 2021.

Apresentamos a seguir o número de pobres e a proporção de pobres na população de acordo com a linha mais alta de R\$ 497 reais mensais. Este será o parâmetro usado na análise espacial a seguir.

### Proporção de Pobres % - Linha R\$ 497 mensais\* (US\$ 5,5/dia) - Renda Efetiva



### Proporção de Pobres em 2021 por Unidade da Federação (%) Linha R\$ 497 mensais\*



Fonte: FGV Social a partir dos microdados da PNADC. \*A preços do último trimestre de 2021

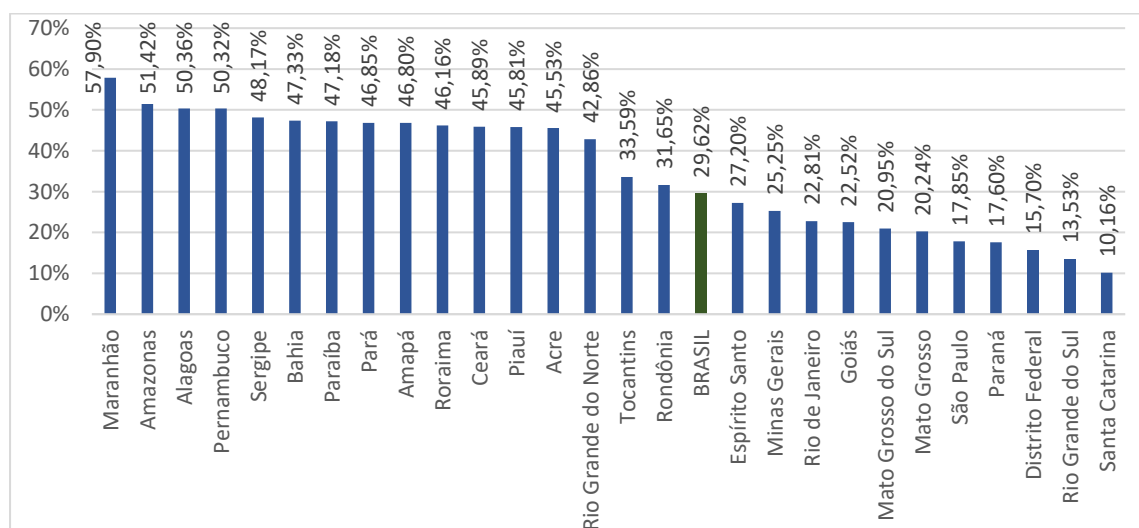
### III - A Geografia Estadual da Pobreza -

A análise complementa [Neri e Hecksher \(2022\)](#) que propõe metodologia para captar a evolução mensal da pobreza e o papel de políticas de rendas adotadas face a pandemia usando as linhas de elegibilidade ao Auxílio Brasil de R\$ 210 e R\$ 105. Estas linhas que são as mais baixas entre as utilizadas na literatura nacional, evidenciam marcada volatilidade da insuficiência de renda brasileira agregada apelidada de Montanha-Russa da Pobreza. Revelamos no presente estudo o lado permanente pelo menos até 2021 da mudança da pobreza ocorrida durante a pandemia no país.

Além da medição da pobreza brasileira agregada conferimos especial atenção a composição geográfica da pobreza, para localizar o seu nível e suas mudanças no território brasileiro. Focamos neste aspecto espacial na proporção dos pobres segundo conceito de renda per capita efetiva todas as fontes usando linha de R\$ 497 mensais a preços do quarto trimestre de 2021 que corresponde a linha internacional de U\$S 5,50 dia ajustada por Paridade de Poder de Compra (PPC) que é a linha mais alta usada na prática no Brasil. Na quarta seção analisamos outras variantes de conceitos e linhas.

Apresentamos a proporção de pobres e a posição do ranking entre as 27 Unidades da Federação ano a ano desde 2012 até 2021. Entre as 27 Unidades da Federação aquela com menor taxa de pobreza em 2021 e ao longo de todo o período foi Santa Catarina. A população com renda per capita abaixo de 497 reais mensais em 2021 é 10,16% em Santa Catarina, seguido do Rio Grande do Sul com 13,53% e Distrito Federal com 15,70%. O estado com maior proporção de pobres também em todos os anos é o Maranhão com 57,90% de pobres em 2021.

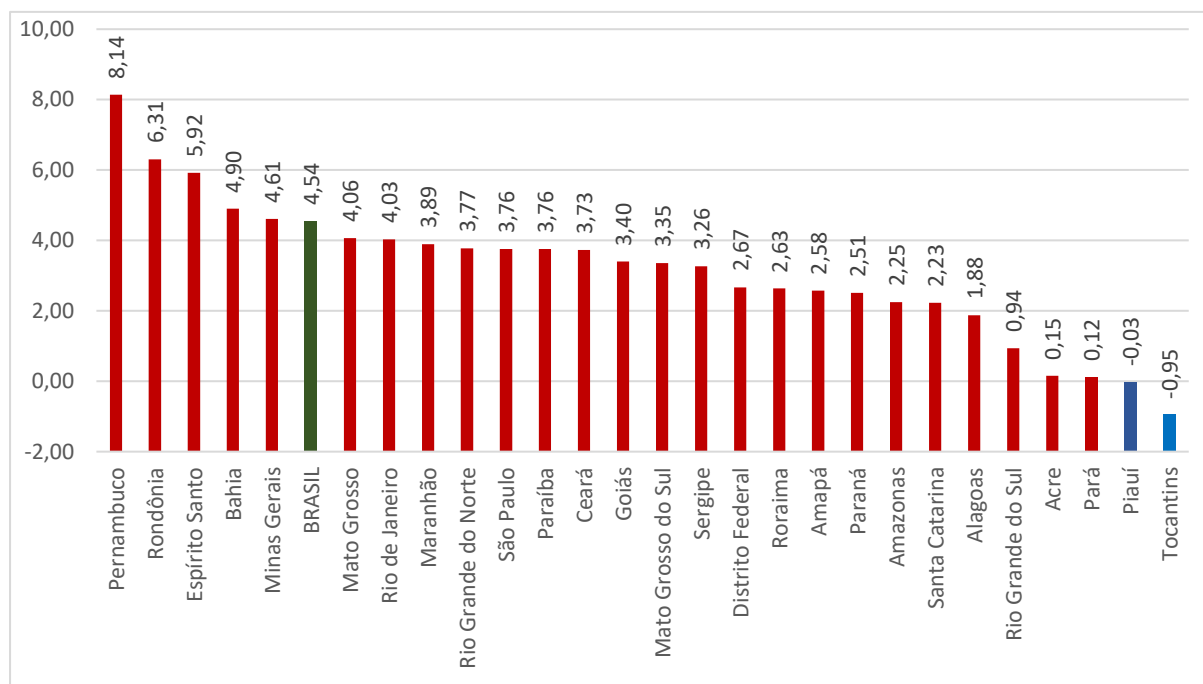
**Proporção de Pobres em 2021 por Unidade da Federação (%)**



Fonte: FGV Social a partir dos microdados da PNADC

A mudança da pobreza entre 2019 a 2021 por Unidade da Federação em pontos percentuais na pandemia no gráfico a seguir revela que o maior incremento se deu em Pernambuco (8,14 pontos percentuais)<sup>3</sup>, Rondônia (6,31 pontos percentuais) e Espírito Santo (5,92 pontos percentuais). As únicas quedas de pobreza no período foram observadas em Tocantins (0,95 pontos percentuais) e Piauí (0,03 pontos percentuais).

#### Mudança da Pobreza 2019 a 2021 por Unidade da Federação em pontos percentuais



Fonte: FGV Social a partir dos microdados da PNADC

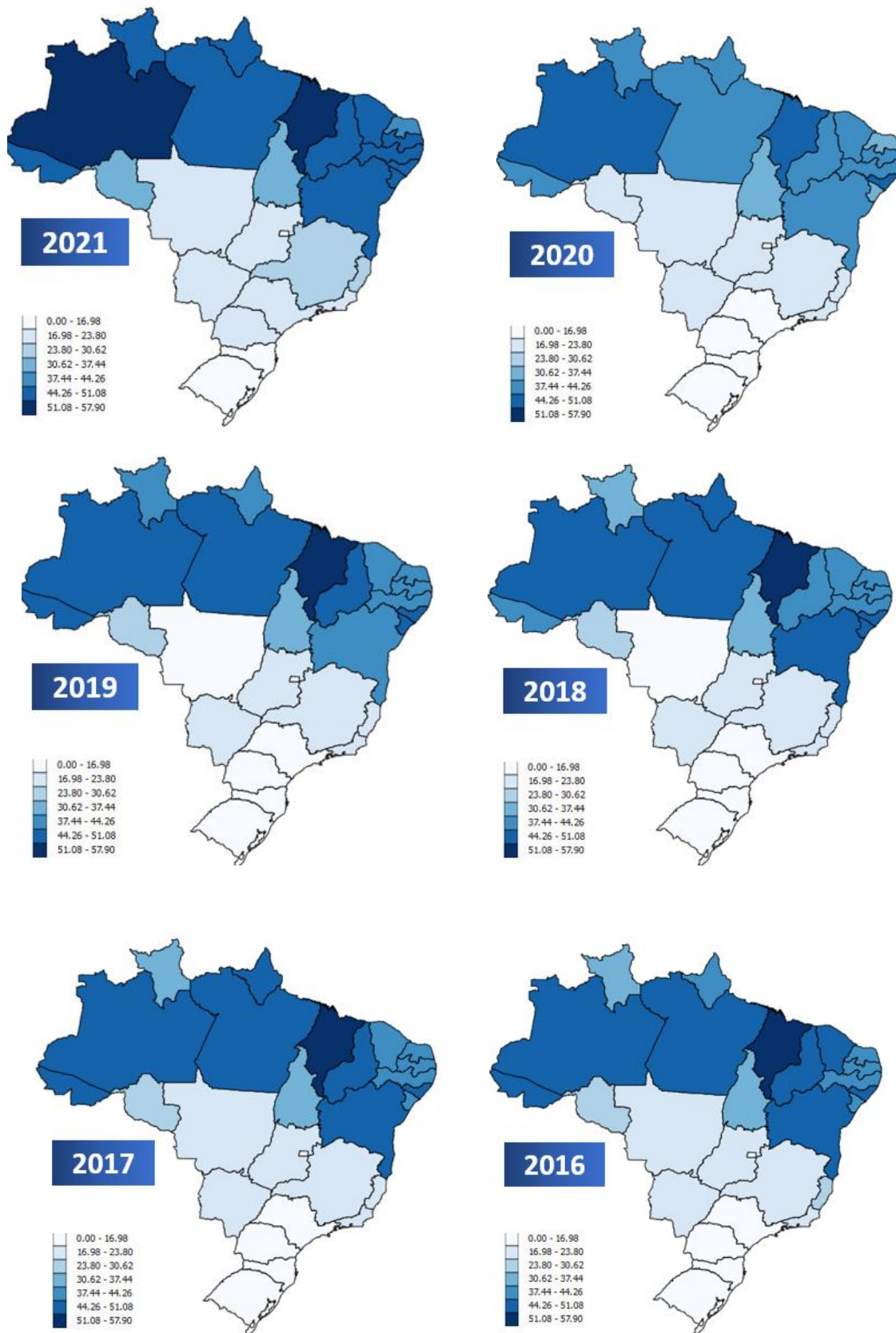
O leitor pode acessar mapas de sobrevoo com as estatísticas de sua Unidade da Federação ao longo do tempo nos links a seguir.

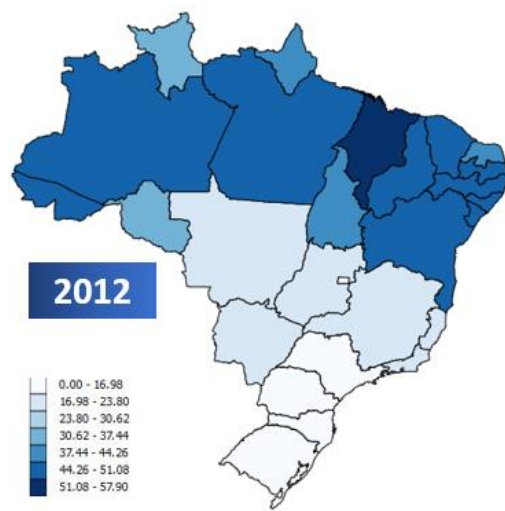
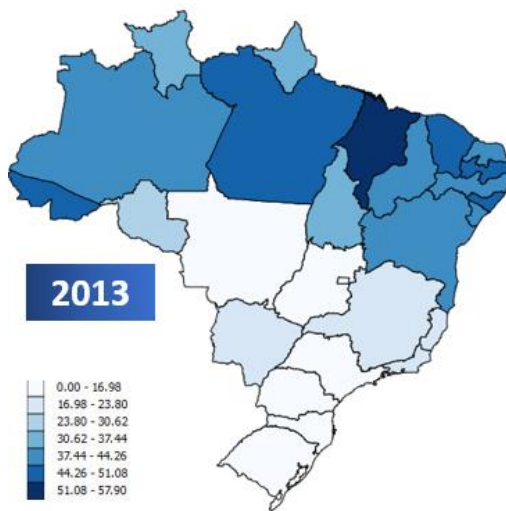
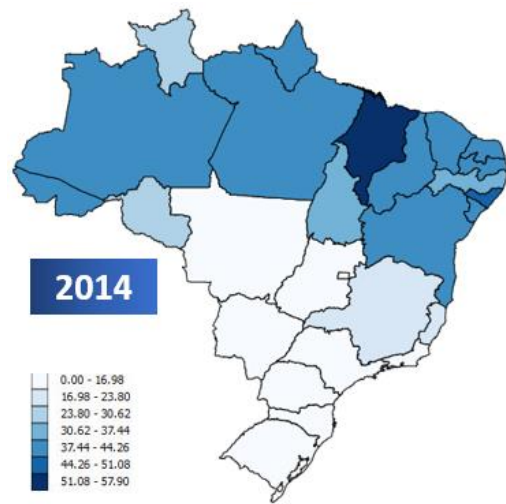
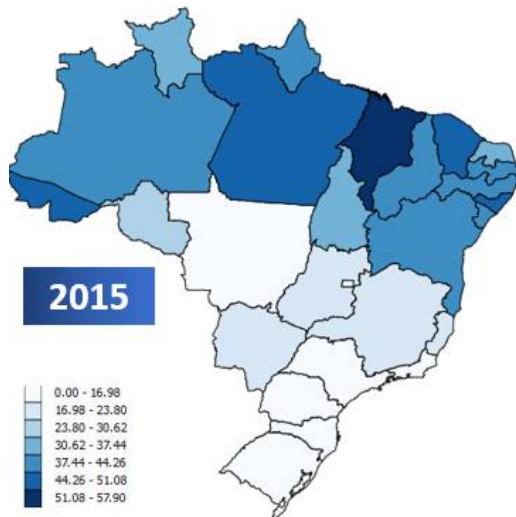
<sup>3</sup> [Neri \(2020\)](#) endereça um certo paradoxo em Pernambuco no início da pandemia. Em 2020, o estado se destacou na melhora da pobreza e na piora nos ingredientes trabalhistas. A ascensão e queda do Auxílio Emergencial é um candidato para conectar o conjunto de resultados locais de 2020 com os de 2021.



(%) População com renda abaixo de R\$ 497 (US\$ 5,50 ppp dia) UF - 2012 até 2021

<https://cps.fgv.br/populacao-com-renda-abaixo-de-r-497-2012-ate-2021-uf>





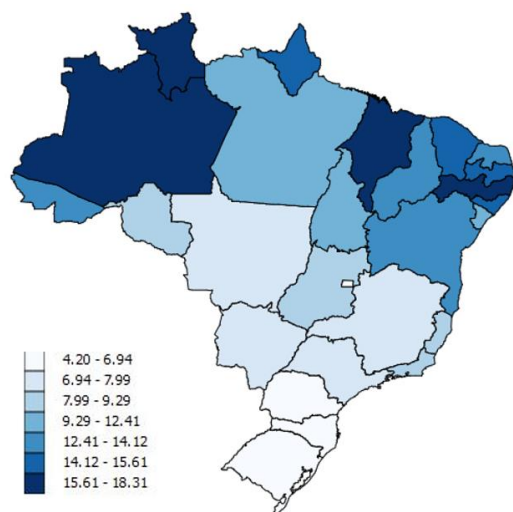
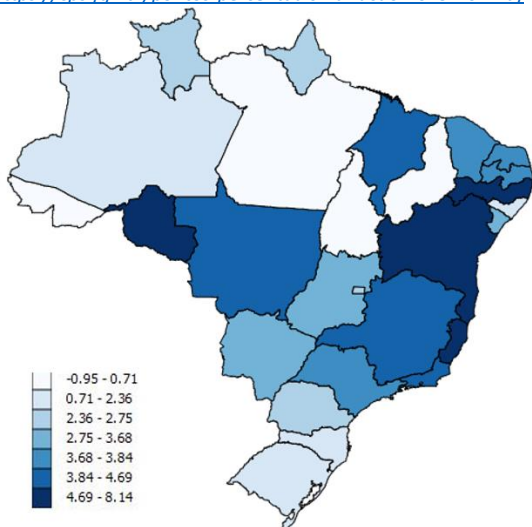
**Varição da População com renda abaixo de R\$ 497 em Pontos Percentuais**

**Varição de 2019 a 2021**

**Varição de 2018-19 a 2020-21**

<https://cps.fgv.br/pontos-percentuais-variacao-2019-2021-uf>

<https://cps.fgv.br/pontos-percentuais-variacao-20182019-20202021-uf>



Fonte: FGV Social a partir dos microdados da PNADC

#### IV - Estratos Espaciais

Este é o primeiro estudo que temos notícia, a explorar com base na PNAD Contínua Anual os 146 estratos geográficos para além das tradicionais aberturas por 5 macrorregiões, das 27 Unidades da Federação ou mesmo das capitais dos estados. Apresentamos a composição de municípios desses estratos espaciais no link [https://www.cps.fgv.br/cps/bd/BRASIL\\_GEO/Rank/PNADC/listacod.htm](https://www.cps.fgv.br/cps/bd/BRASIL_GEO/Rank/PNADC/listacod.htm)

De maneira mais geral, entre os 146 estratos espaciais aquele com maior taxa de pobreza em 2021 é o Litoral e Baixada Maranhense com 72,59% e aquele com menor está no município de Florianópolis com 5,7%<sup>4</sup>. Optamos por cautela apresentar um segundo conjunto de tabelas com dados para os anos combinados e variações em pontos percentuais

Esta abertura geográfica mais fina é particularmente bem-vinda dada a defasagem em relação ao último Censo Demográfico de 2010. Esta situação nos remete ao começo desse século quando realizamos no Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas dois estudos Mapa do Fim da Fome e Mapa do Fim da Fome II<sup>5</sup> análises similares as realizadas aqui com base nos microdados das PNADs tradicionais de diferentes anos empilhados e agrupados em mesoregiões e microrregiões.

**Olhar local** - Como disse certa vez o geógrafo Milton Santos: “o homem não vê o universo desde o universo, o homem vê o universo desde um lugar”. É fundamental cada um poder enxergar em detalhe o seu local de moradia, ou de atuação social. Seguindo a perspectiva sugerida pelo sábio Milton Santos, olhando a título de exemplo, o pequeno mundo do Estado do Rio de Janeiro integramos os 92 municípios fluminenses em oito estratos espaciais permitindo separar as taxas de pobreza na capital (16,68%) das periferias do estado mais metropolitano brasileiro com  $\frac{3}{4}$  da população morando no Grande Rio: Arco Metropolitano de Niterói<sup>6</sup> e São Gonçalo (20,96%), Arco Metropolitano de Duque de Caxias (30,48%), ou o Arco Metropolitano de Nova Iguaçu (33,24%). Ou ainda diferenciar os nuances do interior separando áreas ainda afluentes para quem visita, mas não tanto para quem mora, como regiões Serrana (20,18%), dos Lagos (22,6%) e Vale do Paraíba e Costa Verde do RJ (25,33%)<sup>7</sup> daquela observada no tradicionalmente pobre, mas hoje nem tanto, Norte Fluminense (26,12%).

---

<sup>4</sup> Na verdade, a valor de face aquele estrato com menor pobreza foi o Colar Metropolitano de Florianópolis com 3,8% que está oito pontos de percentagem inferior ao dado de 2019 o que pareceu exagerado. Na média 2020 a 2021 Florianópolis está com menor pobreza.

<sup>5</sup> Estudo foi feito sob em parceria com o saudoso Maurício Andrade sucessor de Betinho na Ação da Cidadania.

<sup>6</sup> Entre os mais de 5500 municípios brasileiros, Niterói foi o município brasileira com a maior renda per capita.

<sup>7</sup> José Márcio Camargo apelidou de triangulo mágico o potencial turístico e de lazer formado pelas linhas geográficas que integram cidades destas três regiões: Paraty, Petrópolis e Armação dos Búzios.

**Fotografias dos Estratos** - Continuando a título de exemplo a análise do Estado do Rio de Janeiro na tabela a seguir, para que o leitor possa replica-la para seu estado ou estrato de interesse. Dos 7 estratos do Estado do Rio de Janeiro ordenados pela pobreza em 2021 - o lugar no ranking nacional de 146 estratos espaciais é a sub-coluna (quanto maior o número do ranking melhor (isto é, há menos pobreza) ) . A tabela abaixo foi filtrada pelo nome do estado, ordenada pela variável de interesse (proporção de pobres em 2021) e copiada diretamente do link a seguir, sem levar em conta as demais colunas para os diferentes anos entre 2018 e 2012.

[https://www.cps.fgv.br/cps/bd/BRASIL\\_GEO/Rank.pobreza/PNADC/PNADC\\_pobreza\\_estratos.htm](https://www.cps.fgv.br/cps/bd/BRASIL_GEO/Rank.pobreza/PNADC/PNADC_pobreza_estratos.htm)

#### Estado do Rio de Janeiro - Nível de Pobreza % e Ranking entre 146 Estratos Geográficos Brasileiros

FGV SOCIAL Estrato <sup>↑↓</sup>	2021		2020		2019	
	R\$ <sup>↑↓</sup>	Class <sup>↑↓</sup>	R\$ <sup>↑↓</sup>	Class <sup>↑↓</sup>	% <sup>↑↓</sup>	Class <sup>↑↓</sup>
Arco metropolitano de Nova Iguaçu no Rio de Janeiro	33,24%	68	28,16%	65	27,51%	70
Arco metropolitano de Duque de Caxias no Rio de Janeiro	30,48%	75	23,53%	77	28,87%	66
Norte Rio de Janeiro	26,12%	87	25,05%	73	28,73%	67
Vale do Rio Paraíba e Costa Verde do Rio de Janeiro	25,33%	89	21,63%	84	20,70%	92
Lagos do Rio de Janeiro	22,60%	93	23,27%	78	22,56%	85
Arco metropolitano de Niterói/São Gonçalo no Rio de Janeiro	20,96%	102	17,13%	106	15,70%	111
Serrana do Rio de Janeiro	20,18%	104	17,46%	102	15,49%	113
Rio de Janeiro	16,68%	121	16,29%	114	11,78%	129

Fonte: FGV Social a partir dos microdados da PNADC

**Filme da mudança** - Onde aumentou mais a pobreza dentro do Estado durante a pandemia? A tabela a seguir foi também selecionada e copiada diretamente do link [https://www.cps.fgv.br/cps/bd/BRASIL\\_GEO/Rank.pobreza/PNADC/PNADC\\_pobreza\\_estratos\\_medias.htm](https://www.cps.fgv.br/cps/bd/BRASIL_GEO/Rank.pobreza/PNADC/PNADC_pobreza_estratos_medias.htm)

As mudanças estão ordenadas pelo segundo bloco de colunas englobando o período de 2019 a 2021. O maior incremento foi observado no Arco Metropolitano de Nova Iguaçu (5,73 pontos percentuais) e o menor com queda de pobreza no Norte Fluminense (26,12%) onde os efeitos temporários do boom da economia do petróleo se fazem sentir. Note que a capital do Rio de Janeiro teve o terceiro maior incremento entre os oito estratos fluminenses neste período. A análise da terceira coluna de 2020 a 2021 sugere que o aumento de pobreza durante a pandemia foi entre 2019 e 2020 não foi observado entre 2020 e 2021 onde o aumento da pobreza carioca (0,39 pontos percentuais) foi o sétimo menor de oito estratos fluminenses, ou o 123º menor entre 146 estratos nacionais. A primeira coluna pode ser útil ao dar mais densidade amostral as estimativas de variação de pobreza em áreas com dados mais rarefeitos através do empilhamento de dados de diferentes anos. Níveis das séries de anos empilhados são encontrados em outras colunas constantes dos dispositivos omitidas das tabela abaixo.

#### Mudança da Pobreza em pontos percentuais por Estratos Geográficos – Rio de Janeiro

FGV SOCIAL Estrato <sup>↑</sup> <sub>↓</sub>	Var 18-19/20-21		Var 19/21 p.p.		Var 20/21 p.p.	
	R\$ <sup>↑</sup> <sub>↓</sub>	Class <sup>↑</sup> <sub>↓</sub>	R\$ <sup>↑</sup> <sub>↓</sub>	Class <sup>↑</sup> <sub>↓</sub>	% <sup>↑</sup> <sub>↓</sub>	Class <sup>↑</sup> <sub>↓</sub>
Arco metropolitano de Nova Iguaçu no Rio de Janeiro	3,19	31	5,73	38	5,07	77
Arco metropolitano de Niterói/São Gonçalo no Rio de Janeiro	2,65	36	5,26	46	3,83	85
Rio de Janeiro	4,72	18	4,90	51	0,39	123
Serrana do Rio de Janeiro	2,00	44	4,68	54	2,72	96
Vale do Rio Paraíba e Costa Verde do Rio de Janeiro	3,68	28	4,63	55	3,70	86
Arco metropolitano de Duque de Caxias no Rio de Janeiro	-1,15	108	1,61	94	6,95	56
Lagos do Rio de Janeiro	0,42	79	0,04	117	-0,67	128
Norte Rio de Janeiro	-0,22	91	-2,61	134	1,07	116

Fonte: FGV Social a partir dos microdados da PNADC

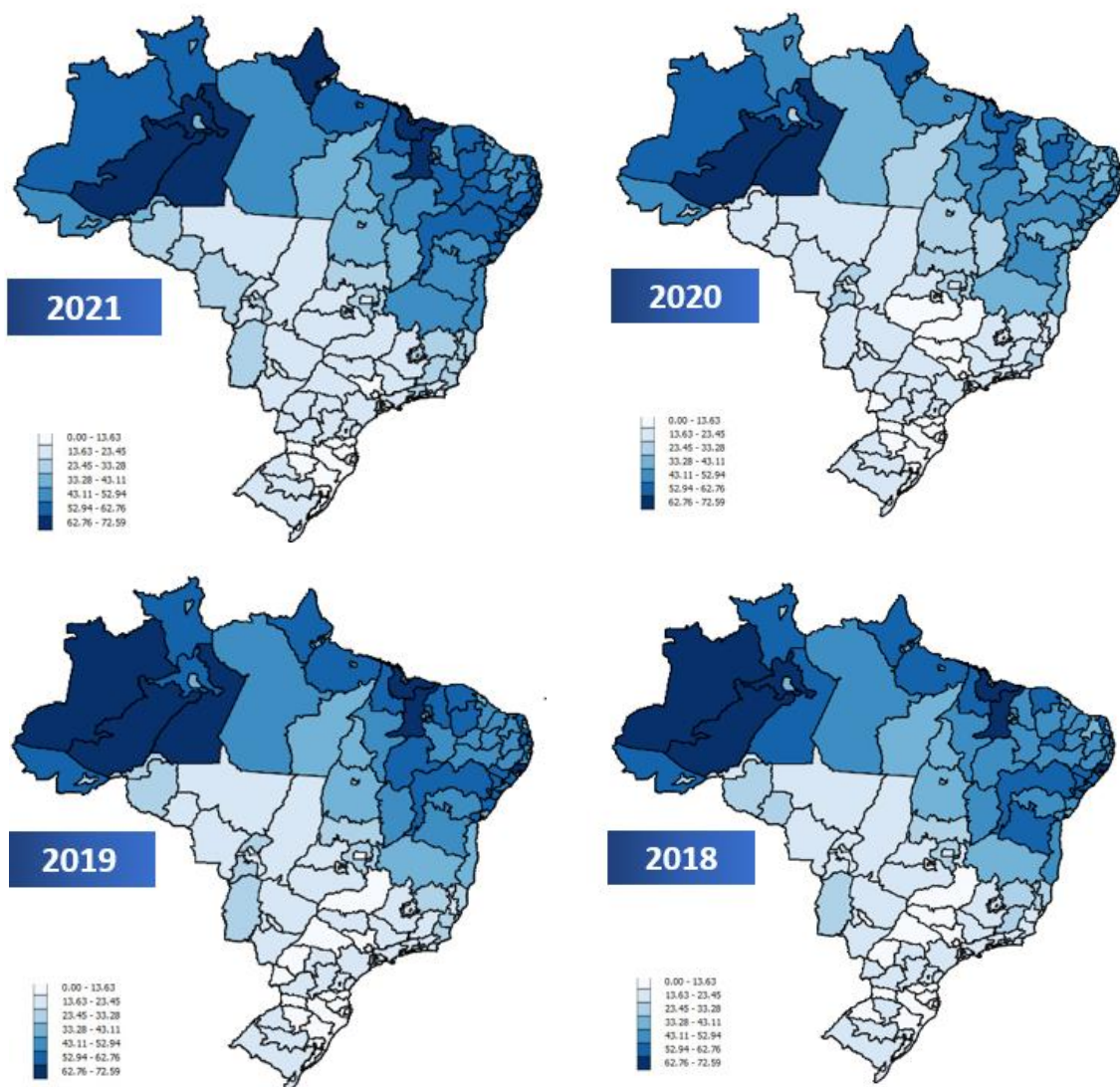


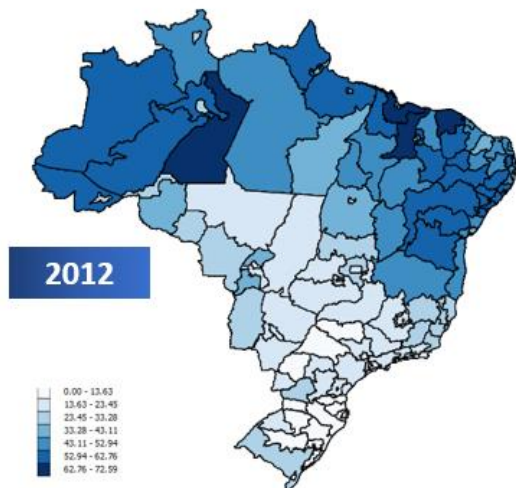
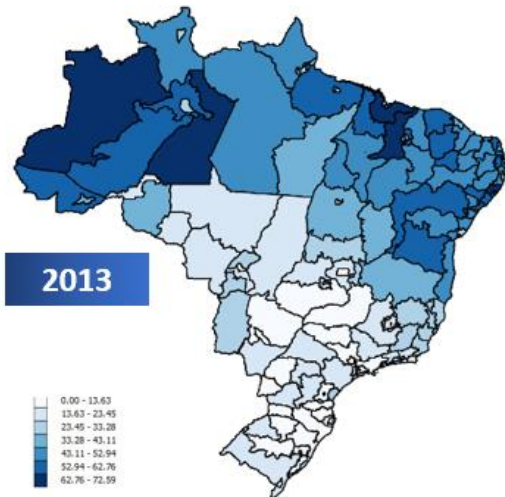
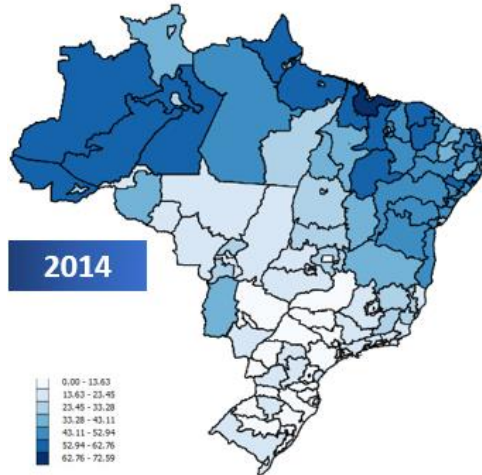
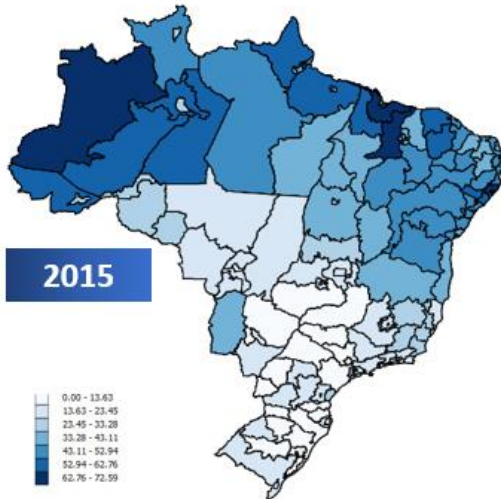
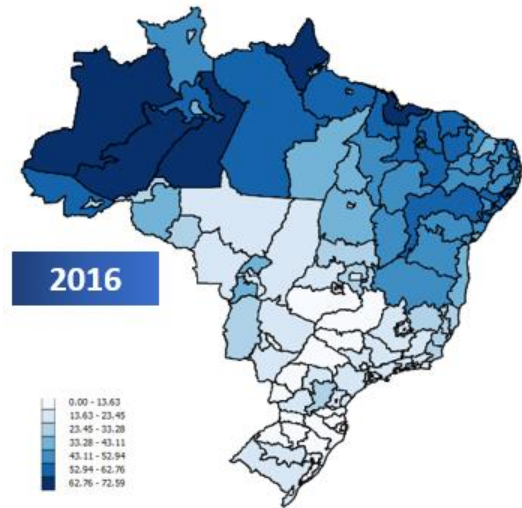
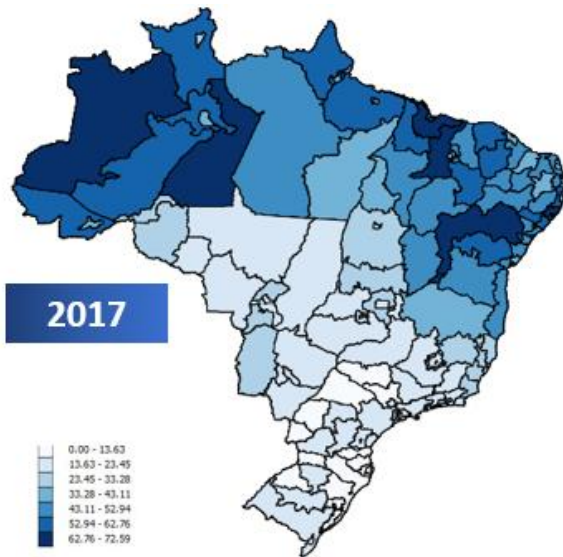
**Zoom para Fora** - Rio e outras Unidade da Federação. Fazendo um zoom para fora da situação local fluminense. Voltando as Fotografias mais atuais da pobreza no Estado em 2021, 22,81% da população está abaixo da linha de R\$ 497 por pessoa a 39 mais baixa das 27 Unidades da Federação onde a pobreza atinge 29,62% dos brasileiros. Portanto, a pobreza fluminense está menor que a brasileira.

Agora o Filme da Pobreza na Pandemia no estado: o incremento da pobreza no Estado entre 2019 e 2021 foi de 4.03 pontos percentuais da população. Este é o universo de pessoas que entraram abaixo da linha de R\$ 497 por pessoa na pandemia. O 7º maior aumento entre as 27 Unidades da Federação. No Brasil cresceu mais 4,54 pontos percentuais). O leitor pode acessar mapas de sobrevoo com as estatísticas de sua área geográfica de interesse de níveis e variações ao longo dos anos nos links a seguir.

**(%) População com renda abaixo de R\$ 497 mensais (US\$ 5,50 ppp dia)  
Estratos Geográficos - 2012 até 2021**

<https://cps.fgv.br/populacao-com-renda-abaixo-de-r-497-2012-ate-2021>



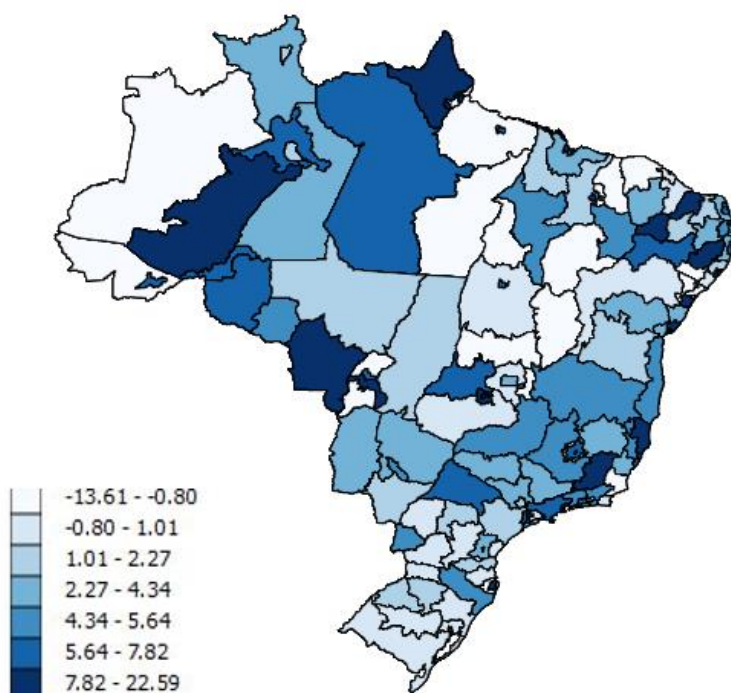


Fonte: FGV Social a partir dos microdados da PNADC

**Varição 2019 - 2021 em pontos percentuais por Estratos Geográficos**

**População com renda abaixo de R\$ 497 (US\$ 5,50 ppp dia)**

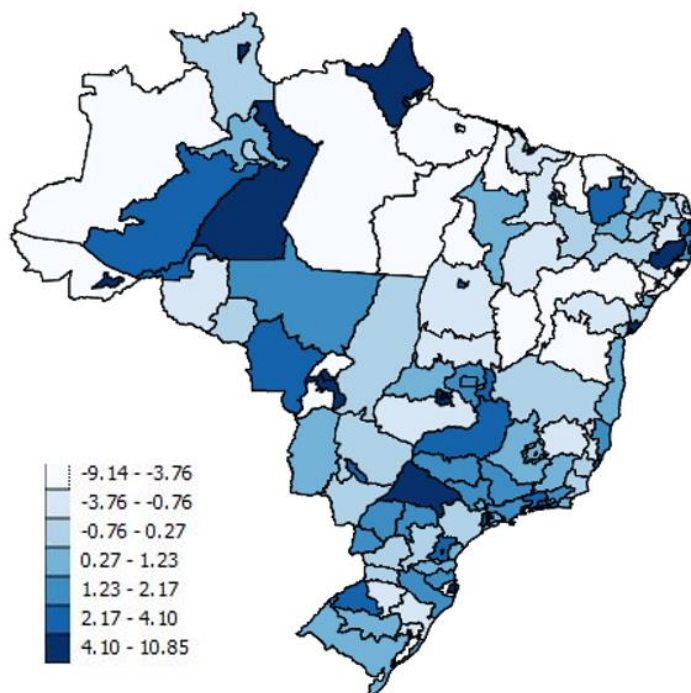
<https://cps.fgv.br/variacao-2019-2021-estratos-geograficos>



**Varição 2018-2019 a 2020-2021 em pontos percentuais por Estratos Geográficos**

**População com renda abaixo de R\$ 497 (US\$ 5,50 ppp dia)**

<https://cps.fgv.br/variacao-20182019-20202021-estratos-geograficos>

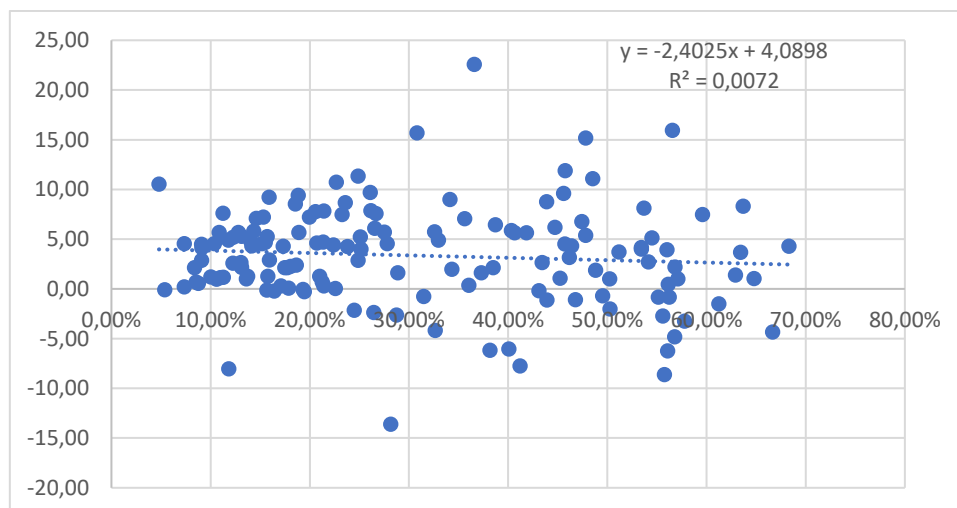


Fonte: FGV Social a partir dos microdados da PNADC

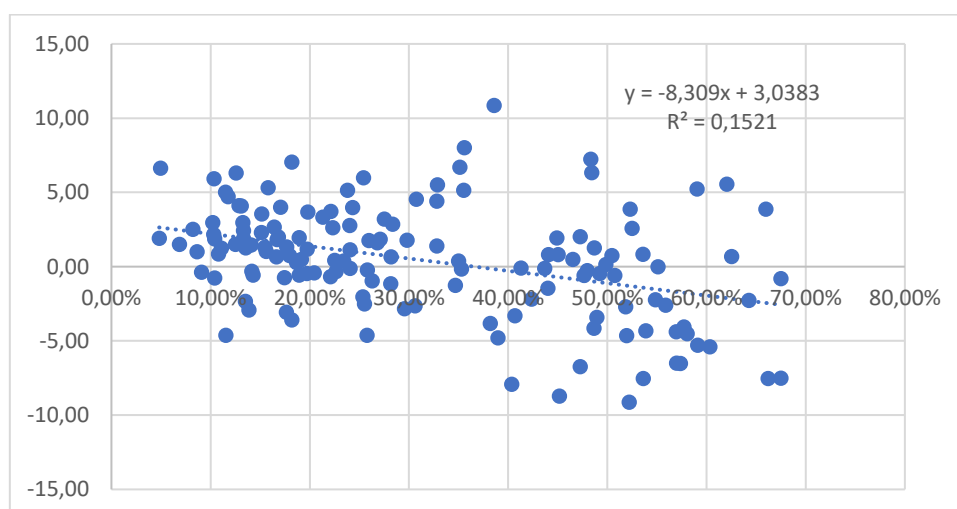


**Convergência de Pobreza?** – Apresentamos os mapas com links da variação da pobreza em pontos percentuais por estratos espaciais. O primeiro compara 2019 com 2021 e o segundo compara pares de anos 2018-19 com 2020-21 para conferir maior densidade amostral as estimativas. O passo seguinte é correlacionar as variações em pontos percentuais com níveis iniciais de pobreza nos gráficos mais abaixo assim como adicionamos o gráfico por Unidade da Federação que compara 2019 com 2021. Não há qualquer evidência de convergência ou divergência das mudanças por nível inicial de pobreza no período.

**Nível de Pobreza 2019 x Variação de pobreza em pontos percentuais  
2019 a 2021 Por Estratos Geográficos**



**2018-19 a 2020-21 Por Estratos Geográficos**



Fonte: FGV Social Elaboração própria a partir dos microdados da PNADC

## V - A Robustez da Alta da Pobreza

A análise a seguir está baseada no conceito de renda domiciliar per capita efetivamente recebida do trabalho e de outras fontes de renda como Previdência Social (pensões, aposentadorias), outras fontes privadas (aluguéis, pensões alimentícias, mesadas), programas assistenciais (Bolsa Família, Auxílio Emergencial, Auxílio Brasil). Não incorporamos elementos como economias de escala, diferenças regionais de custo de vida ou imputação de aluguéis ([Ferreira, Lanjouw e Neri 2003](#)). Diferenças amostrais e de critérios de renda serão endereçados com as linhas de pobreza na sequência.

**Linhas de Corte** - Traduzimos em termos reais mensais as três linhas internacionais mais usadas na atualidade: 5,50, 3,20 e 1,90 expressas em U\$ dólares dias ajustadas pela Paridade de Poder de Compra (PPC) de 2011 e ajustadas pelo IPCA para valores mensais do terceiro trimestre de 2021 junto. Incorporamos na análise a Linha do FGV Social (que é próxima a segunda linha acima) e as duas linhas de elegibilidade ao Auxílio Brasil de R\$ 110 e R\$ 105 mensais.

### **Linhas de Pobreza, Extrema Pobreza e de Elegibilidade ao Auxílio Brasil em Renda Per Capita Mensais a preços de 2021T4\***

R\$ 497 mensais (US\$ 5,50/dia PPC 2011\*\*)

R\$ 289 mensais (US\$ 3,20/dia PPC 2011\*\*)

R\$ 281 mensais (Linha da FGV Social)

R\$210 mensais (Linha de Elegibilidade a Condicionalidades do Auxílio Brasil)

R\$ 172 (US\$ 1,90/dia PPC 2011\*\*)

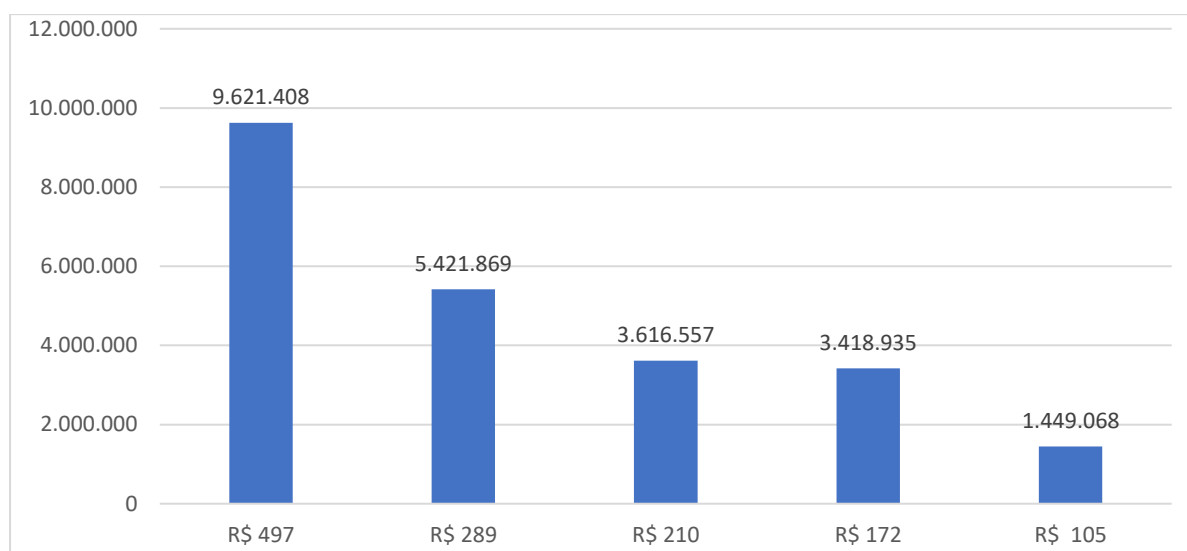
R\$ 105 mensais (Linha de Elegibilidade Benefício Básico do Auxílio Brasil)

OBS: \* Quarto trimestre de 2021

OBS: \*\* Paridade de Poder de Compra ajustado pela IPCA aplicadas a linhas internacionais.

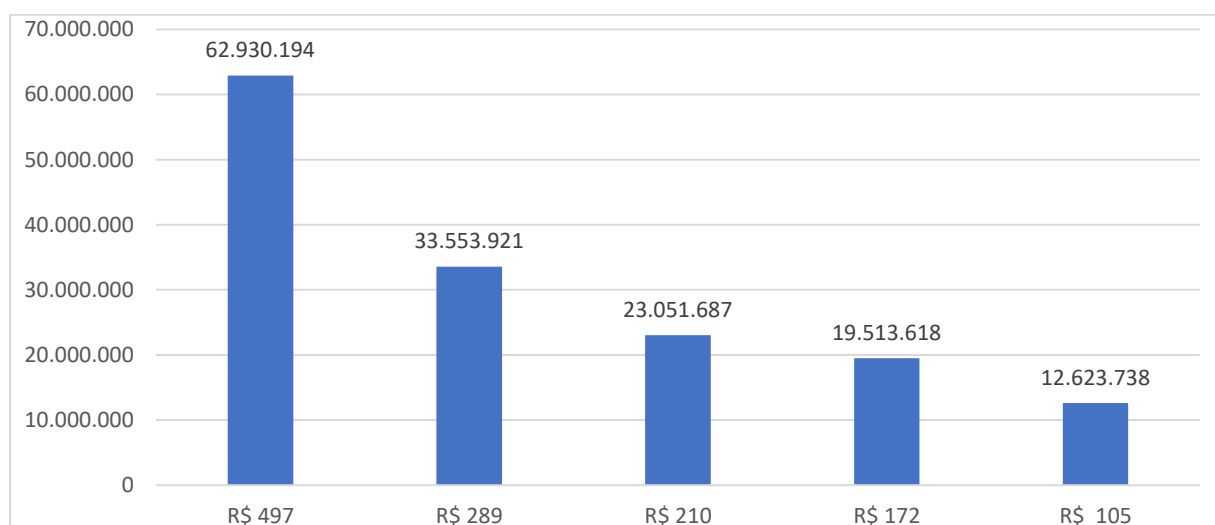
Na seção 2 demonstramos que 2021 é o pico da população de pobres das séries históricas iniciadas em 2012 segundo diversas linhas de corte entre a população pobre e não pobre explicitados no gráfico a seguir. Os gráficos seguintes apresentam os números da população pobre de 2021 e a variação percentual entre 2019 e 2021 de acordo com estes critérios centrais usados. Entre 2019 e 2021 a população pobre sobe 9,6 milhões para a linha de U\$ 5,50 dia ajustada por paridade do poder de compra (R\$ 497 mensais), 5,4 milhões para a linha de U\$ 3,20 (R\$ 289 mensais) e 3,4 milhões para a linha de U\$ 1,90 (R\$ 172 mensais. Mostramos no presente estudo que se usarmos a linha mais alta de pobreza de R\$ 497 em voga nos estudos internacionais recentes, diminui a flutuação transitória da pobreza em 2021, apelidada de “montanha-russa da pobreza” em Neri e Hecksher (2022) em contrapartida magnifica o incremento líquido acumulado ao longo da pandemia. Segundo todas as linhas atingimos todos os picos históricos de uma nova cordilheira de pobreza após a pandemia que não estavam abaixo da linha antes.

### Mudança da População Pobre 2019-2021 segundo Linhas de Pobreza



Fonte: FGV Social a partir dos microdados da PNADC

### População Pobre 2021 segundo Linhas de Pobreza



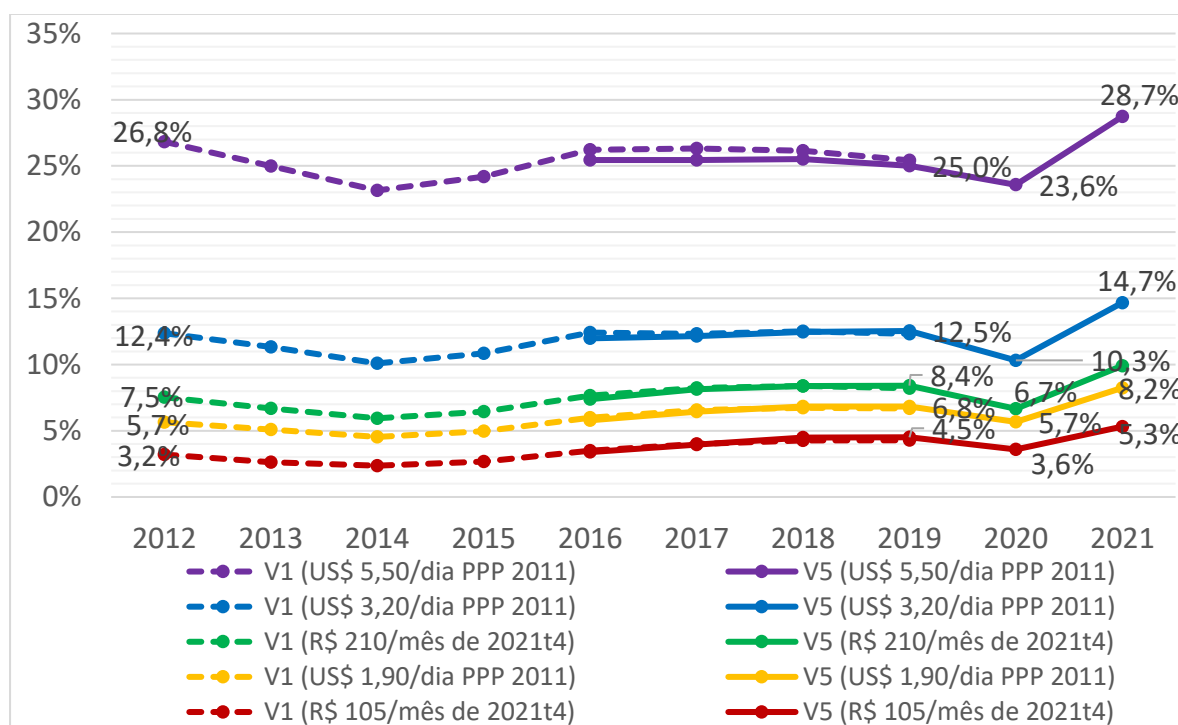
Fonte: FGV Social a partir dos microdados da PNADC

O nível máximo e o incremento positivo vale para um contínuo de valores, ou seja, para qualquer linha de pobreza no intervalo relevante. Há um teorema que mostra que se essa dominância ocorre neste contexto falamos de um recorde para um amplo conjunto de indicadores (como  $P^2$ ,  $P^1$  e não só  $P^0$ ). Demonstramos agora na sequência que 2021 é ponto de máxima pobreza das séries brasileiras anuais desde o início da PNADC em 2012 também para uma variedade de coletas amostrais e conceitos de renda.

**Amostra e Conceito de Renda** - A quantificação da pobreza baseada em renda envolve uma série de escolhas metodológicas entre elas conceitos de renda (efetiva ou habitual), as entrevistas utilizadas nas estimativas (1ª ou 5ª visitas que contém rendas de outras fontes alternativas ao trabalho de uma série de 8 realizadas em cada domicílio) e como vimos a linha de corte que divide a população pobre da não pobre segundo o critério utilizado.

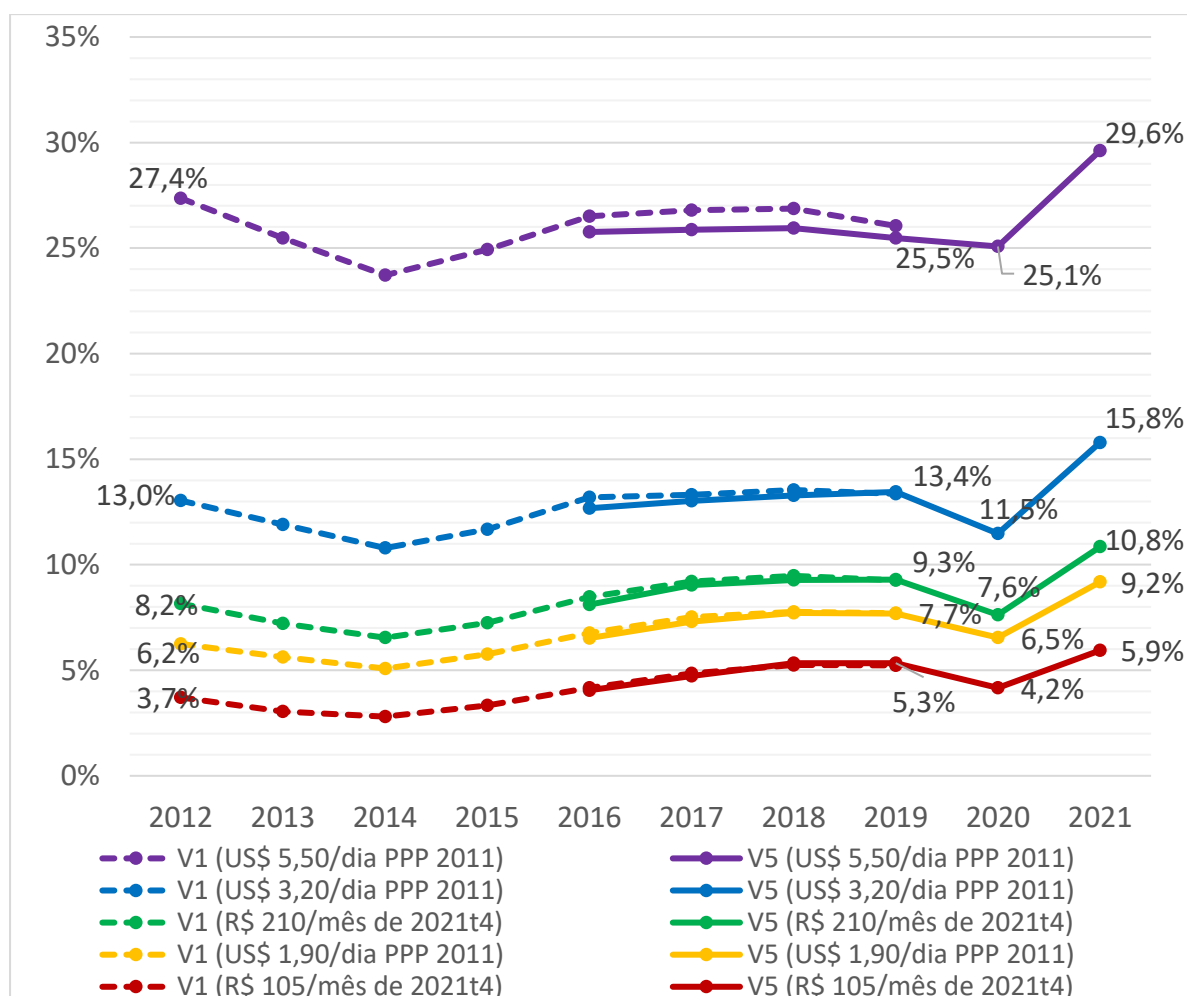
Os gráficos a seguir apresentam os dados de 2012 a 2021 para o conceito de renda habitual e efetiva, respectivamente. Em 2020 e 2021, só estão liberados os microdados da 5ª entrevista que não sofreu ainda ajuste amostral pelo IBGE (retropolação). Independente da sequência de entrevistas usadas nas séries de pobreza (1ª ou 5ª visita), dos conceitos de renda habitual ou efetiva (gráficos) e da vasta gama das linhas de pobreza usadas. O respectivo conceito analisado encontra-se no seu máximo histórico em 2021 da série iniciada em 2012.

**Proporção na Pobreza - renda habitual 1a e 5a visitas segundo Linhas de Pobreza**



Fonte: FGV Social a partir dos microdados da PNADC

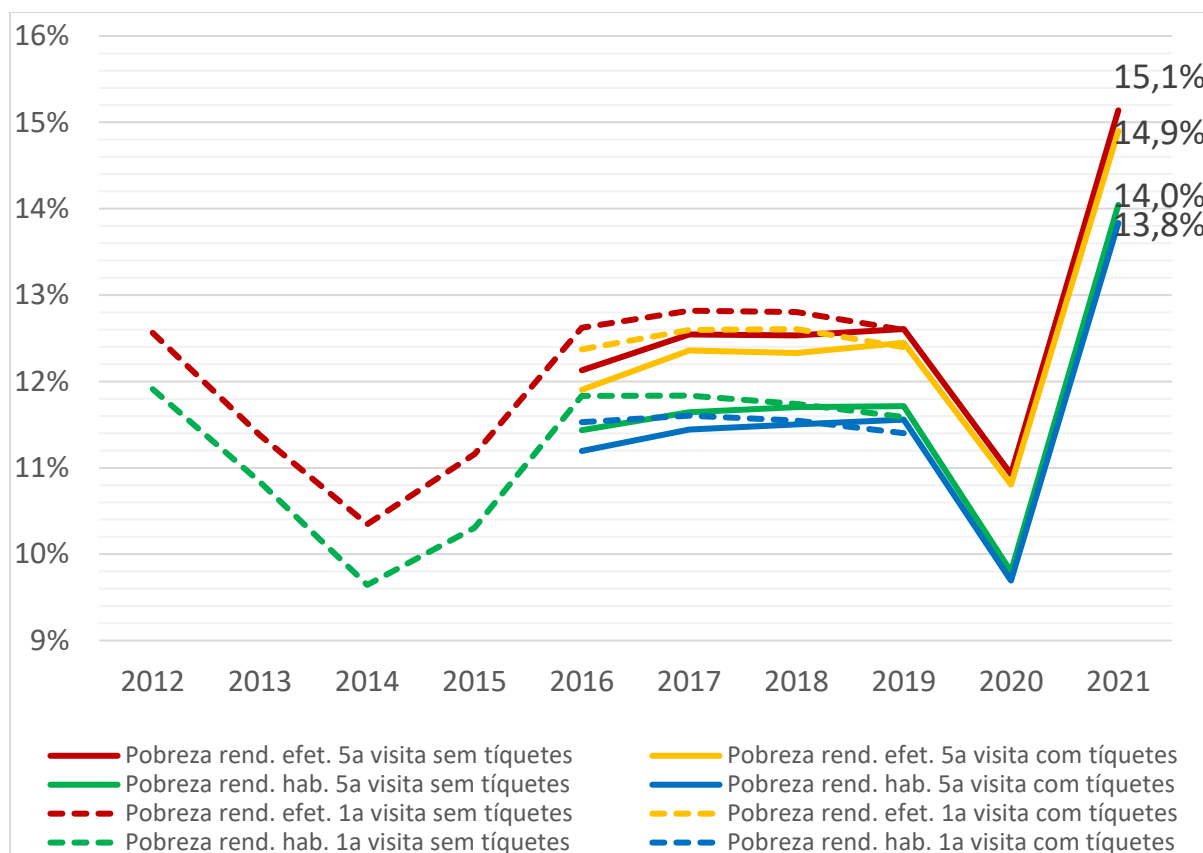
## Proporção na Pobreza - renda efetiva 1a e 5a visitas segundo Linhas de Pobreza



Fonte: FGV Social a partir dos microdados da PNADC

A linha da FGV Social de R\$ 281 (originada em [Ferreira, Lanjouw e Neri 2003](#)) se apresentou próxima da linha internacional de R\$ 289 mensais (US\$ 3,20/dia PPC 2011) o que nos levou a desconsiderá-la em parte da análise. A quase coincidência é esperada por partem de princípios similares e tem alguns autores comuns. Tecnicamente, é uma linha de extrema pobreza alta pois cobre despesas de alimentação mas pode ser usada como uma linha de pobreza baixa. Além de estarem próximas do critério de elegibilidade. Usamos estes diferentes critérios de renda lado a lado para aferir os impactos de diferentes aspectos. A pobreza baseada em renda efetiva é 1,1 pontos percentuais maior. A mudança ocorrida no questionário da PNADC no último trimestre de 2015 pela incorporação de item sobre tickets afeta somente de maneira direta o conceito de renda efetiva ([Neri 2018](#)). Entretanto, o impacto parece ser pequeno: as diferenças em 2021 do computo de tickets alimentação afeta em apenas 0,2 pontos percentuais as taxas de pobreza. Se for feito o ajuste de nível na transição. Tomando a valor de face não haveria distorção maior em usar o conceito efetivo antes e depois da alteração do questionário.

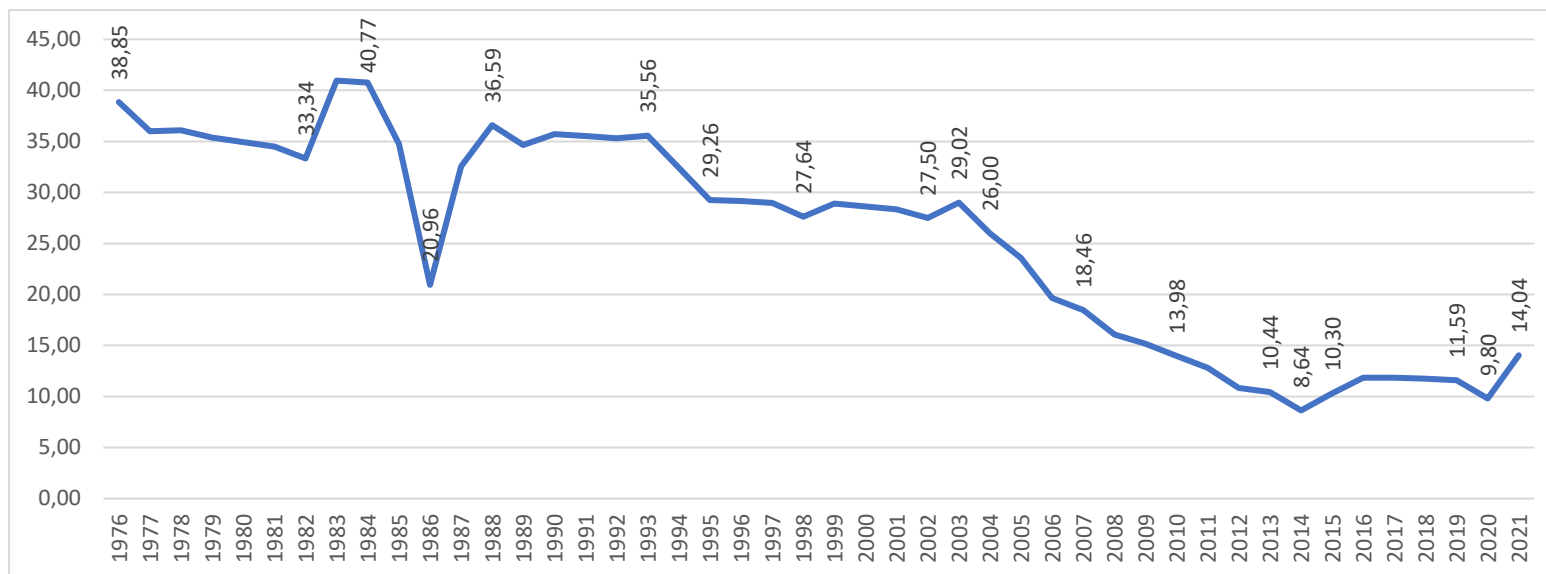
**Proporção na Pobreza - 1a e 5a visitas; renda efetiva versus habitual com e sem tickets sob Linha de Pobreza do CPS/FGV Social (R\$ 281,06/mês)**



Fonte: FGV Social a partir dos microdados da PNADC

Exploramos ainda a conexão dos dados entre a antiga PNAD (descontinuada) e a PNADC para avaliar as mudanças na pobreza em longo prazo. Os gráficos seguintes apresentam as informações usando a renda do trabalho habitual que é o que vigorava na PNAD tradicional em dois cenários distintos dependendo se usamos a PNAD ou a PNADC, no período 2012 a 2015. Os dois resultados diferem em níveis mas sugerem a volta a valores de pobreza observados entre 2011 e 2012, perfazendo uma década perdida na frente da pobreza.

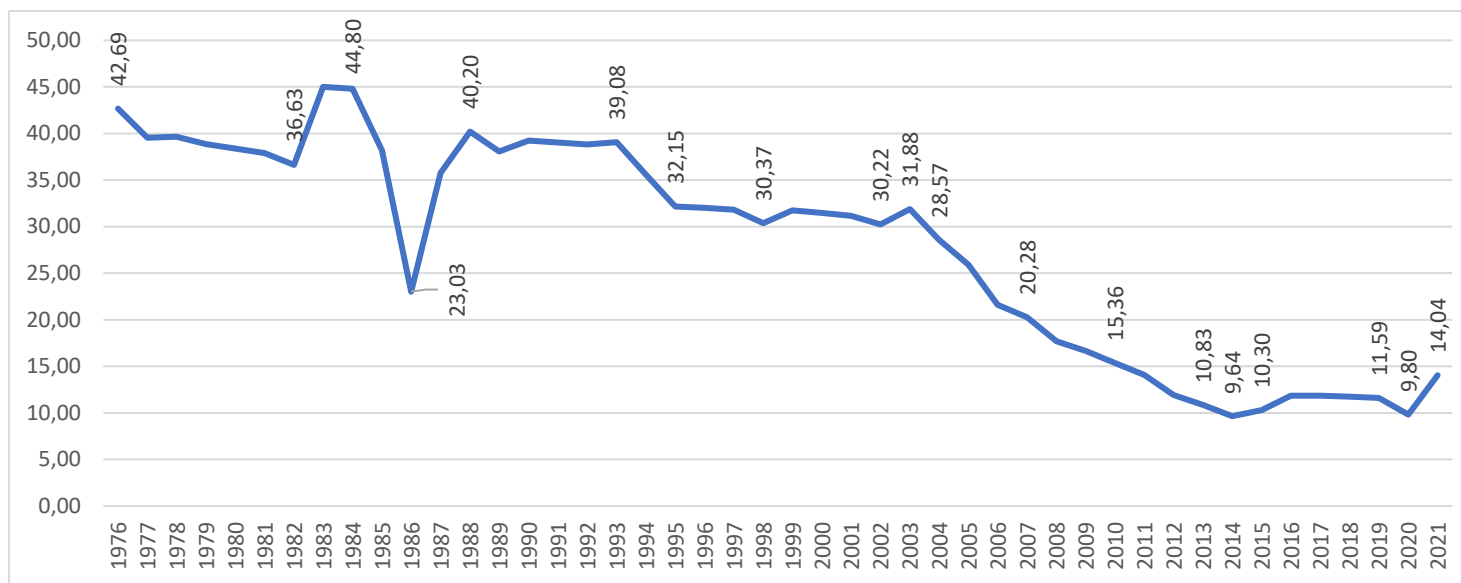
**Proporção de Pobres (linha FGV Social) – Série Harmonizada PNAD e PNDC \* - 1976 a 2021**



\*Série de pobreza PNAD, harmonizada com informações da PNAD e da PNADC após 2015 usando a 5ª visita em 2020 e 2021.

Fonte: FGV Social a partir dos microdados da PNADC

### Proporção de Pobres (linha FGV Social) – Série Harmonizada PNAD e PNDC \* - 1976 a 2021



\*Série de pobreza PNAD, harmonizada com informações da PNADC após 2012, usando a 5ª visita em 2020 e 2021.

Fonte: FGV Social a partir dos microdados da PNAD e PNADC



## V - Conclusão (Resumo)

O contingente de pessoas com renda domiciliar per capita até 497 reais mensais atingiu 62,9 milhões de brasileiros em 2021, cerca de 29,6% da população total do país. Este número de 2021 corresponde a 9,6 milhões a mais que 2019, quase um Portugal de novos pobres surgidos ao longo da pandemia. A pobreza nunca esteve tão alta no Brasil quanto em 2021, desde o começo da série histórica em 2012. Demonstramos neste trabalho que 2021 é ponto de máxima pobreza dessas series anuais para uma variedade de coletas amostrais, conceitos de renda, indicadores e linhas de pobreza testados.

Além da medição da pobreza brasileira agregada e suas variantes conferimos especial atenção a composição geográfica da pobreza para localizar os estoques e os fluxos de pobreza no território brasileiro. A Unidade da Federação com menor taxa de pobreza em 2021 foi Santa Catarina (10,16%) e aquela com a maior proporção de pobres foi o Maranhão com 57,90%. Lançamos mão de novas possibilidades de segmentar o país em 146 estratos espaciais: aquele com maior pobreza em 2021 é o Litoral e Baixada Maranhense com 72,59%, já a menor está no município de Florianópolis com 5,7%. Uma relação de 12,7 para um refletindo a conhecida desigualdade geográfica brasileira.

A mudança da pobreza de 2019 a 2021 por Unidade da Federação em pontos percentuais na pandemia, revela que o maior incremento se deu em Pernambuco (8,14 pontos percentuais), e as únicas quedas de pobreza no período foram observadas em Tocantins (0,95 pontos percentuais) e Piauí (0,03 pontos percentuais).

O objetivo desta nota é avaliar o nível e a evolução da pobreza durante os últimos anos no Brasil, usando os microdados da PNAD Continua Anual, recém disponibilizados pelo IBGE. Exploramos inicialmente o cenário básico dos grandes números da pobreza nacional. O passo seguinte é foi espacialização destes números. Na etapa final mapeamos a influência das escolhas metodológicas e de uma miríade de linhas de pobreza nacionais e internacionais nos resultados encontrados. Os maiores nível e incremento da pobreza brasileira recente se revelam robustos.

Por último, e mais importante, disponibilizamos um leque de rankings geográficos e de mapas de sobrevoos interativos para cada um visualizar a pobreza na sua área de interesse. Seguindo a título de exemplo, perspectiva local sobre os 92 municípios fluminenses agrupados em oito estratos espaciais: as taxas de pobreza na capital (16,68%) das periferias do Grande Rio: Arco Metropolitano de Niterói e São Gonçalo (20,96%), Arco Metropolitano de Duque de Caxias (30,48%), ou o Arco Metropolitano de Nova Iguaçu (33,24%). Ou ainda diferenciando os nuances do interior separando áreas ainda afluentes para quem visita, mas não tanto para quem mora, como regiões Serrana (20,18%), dos Lagos (22,6%) e Vale do Paraíba e Costa Verde do RJ (25,33%) daquela observada no tradicionalmente pobre Norte Fluminense (26,12%) onde os efeitos algo temporários da economia do petróleo se fazem sentir.